

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



seguimos, falando e gesticulando ambos, num pitoresco passeio só interrompido quando o Mestre parou para espreitar as habilidades de um esquilo que se escapulira sorrateiro, ao aproximarem-se os caminhanes.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

ERICH SEGAL, **Roman Laughter. The Comedy of Plautus.** Harvard University Press, Cambridge (E.U.A.), 1968, ix+229 pp.

Um livro (1) a respeito de alguns dos aspectos do cómico plautino, considerados sobre o plano de fundo da sociedade romana contemporânea do comediógrafo. O A. acentua a novidade relativa do seu tratamento da matéria: «Although no book in English has been devoted solely to the comedy of Plautus, several great continental scholars have dealt with aspects of his art, particularly in relation to Greek New Comedy. Still, no one has studied Plautus in relation to contemporary Roman culture or to the comic tradition» (p. viii). Entretanto, estas duas últimas pretensões, assim tão postas em evidência pelo A. no Prefácio, são menos verificáveis na realidade do que a promessa inicial deixava esperar. Com efeito, sobre cultura contemporânea pouco mais há do que os elementos que Plauto proporciona e a tradição cómica mais citada é a posterior ao Sarsinate.

Além da Introdução e do Prefácio, o livro compreende os capítulos seguintes: I — «O Tempora, O Mos Maiorum»; II — From Forum to Festival; III — Puritans, Principles, and Pleasures; IV — From Slavery to Freedom; V — From Freedom to Slavery; Notes, Index of Passages, General Index.

Trata-se de uma obra para o leitor culto, embora não especialista, com todas as citações cuidadosamente traduzidas. O estilo de Erich Segal é vivo e sugestivo, constituindo o livro agradável leitura, cujo interesse é ocasionalmente realçado por alusões ao teatro moderno como as que se referem à peça contemporânea *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum* que teve a ocasião de ver sob a forma de «musical» em Nova Iorque (2) e em filme em Londres e em Lisboa. Devo dizer que o «musical» me agradou muito mais do que o filme. Sobre esta opereta americana escreveu Segal: «As recently as 1962, an unabashed *contaminatio* of the *Pseudolus*, *Casina*, and *Mostellaria* entitled *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum* delighted Broadway audiences for almost a thousand performances, repeated its triumph throughout the world, and was transformed into a motion picture» (p. 3).

Para o A. o «Forum», ao contrário do que parece sugerir o título da opereta, é a antítese do prazer. Daí, frases como: «... funny things happen only on the way

(1) Sobre o Autor, ver neste número de *Humanitas*, «Notícias e Comentários», p. 450.

(2) Cf. *Humanitas* XV-XVI (1963-1964), pp. 429-30.

from the forum» (p. 52) — que não traduz necessariamente a única realidade possível — e «On a Roman holiday there was simply no business — but show business» (p. 53) que soa a canção de revista.

A vivacidade do A. reflecte-se em observações risonhas: «The departure of father or wife is always the occasion for a Plautine party» (p. 27); ou espirituosas: «Their (of the *matronae*) every breath is an ill wind on the sea of matrimony» (p. 29).

Entretanto, a informação do livro é mais segura e mais sólida, do que a leveza do estilo do A. deixa supor. E há páginas bem demonstradas como aquela em que esboça em traços rápidos o carácter prático e utilitarista do romano da época plautina, baseando-se em fontes mais ou menos contemporâneas e não apenas no próprio comediógrafo (p. 54).

Entre as «descobertas» menos convincentes do A. está a do *leno* como desmancha-prazeres (ou *agelast* na caracterização grega de Segal). Para o A., o proprietário de lupanar é odiado e vilipendiado pela clientela, porque «he makes a business of pleasure» (p. 80); e Segal põe em relevo, repetidas vezes e de diversas maneiras, o «anti-holiday sentiment» do *leno* (p. 81 e outras). Todavia, parece claro que o *leno* apenas é «agelast», porque lhe não pagam as *meretrices*, cujo aluguer ou venda constitui o seu negócio, e porque a boémia acaba por ser, quase sempre, à sua custa e em seu prejuízo.

Quanto à má vontade contra os que se alheiam do ambiente festivo das celebrações públicas (p. 91), há um bom exemplo em Ovídio, *Met.* IV, 32 e segs.

A tradução de *Poenulus*, 289, ao fundo da p. 29, é forçada; e também a de *testimonium* por «truth» na frase de Cícero, citada na p. 37. Finalmente, na abertura das *Rãs* de Aristófanes, τὰ εἰωθότα, ou «old gags», como lhes chama Erich Segal, parecem ser sobretudo de carácter vocabular (cf. *Ἐἶπω τι τῶν εἰωθότων...*); isto é, gracejos de mau gosto como aqueles que Dioniso enumera, a pretexto de não os admitir ao seu interlocutor.

A. C. R.

Minúcio Félix, Octávio. Edições Paulistas, Lisboa, 1961, 197 pp.

Trata-se de uma tradução portuguesa anónima, feita na passada década, do famoso livro de Minúcio Félix, autor do 2.º para o 3.º século da nossa era. Na Introdução, o editor anónimo deste 12.º volume da «Colecção Patrística», publicada pelas «Edições Paulistas», faz brevemente a história do texto do *Octavius* que passou muito tempo por livro *octavus* do tratado de Arnóbio, *Adversus Nationes*, no código Paris. lat. 1661, até ser identificado por François Baudouin, em 1560. Segue-se uma breve tentativa biográfica sobre Minúcio Félix e as personagens do diálogo, composta algo descuidadamente, e uma exposição sobre o conteúdo doutrinário do *Octavius*.

Este diálogo, como sabe quem o leu, é uma apologia do Cristianismo, constituída por duas longas dissertações em que um dos interlocutores, o pagão Cecílio Natal,